**A Escola como espaço de combate a Homofobia:** quebrando o silêncio

**Kennedy Lucas de Paulo Sousa\*; Márcia Skibick\*\*\***

\*Graduando em Psicologia (Faculdade Luciano Feijão – (FLF).

\*\*\* Graduada em Psicologia (Universidade Federal do Ceará-UFC). Master em Cooperação e Desenvolvimento (Universidade de Barcelona). Doutorado em Psicologia (Universidade Autônoma de Barcelona). Coordenadora do curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão-FLF

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**RESUMO**

A proposta do artigo é tentar compreender as concepções acerca da diversidade sexual no espaço escolar e incentivar os profissionais da educação a adotar medidas didáticas para acolher a diversidade sexual na escola e combater a homofobia. È notório que a homossexualidade está embasada em uma visão cultural e histórica, construída e justificada por visões morais/éticas, biológicas e até psicológicas para justificar e reforçar idéias padronizadas sobre a homossexualidade que dão margem para atos discriminatórios e violentos. A escola deve ser um espaço para a formação em que a pessoa possa desenvolver um senso crítico e o respeito entre as diferenças que formam cada um e também estimular a construção de um diálogo para melhor compreensão da diversidade de gênero, quebrando algumas barreiras que impedem a construção de uma nova visão acerca da homossexualidade.

**Palavras- chaves:** Homofobia, Homosexualidade, Escola.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**ABSTRACT**

The purpose of this article is to try to understand the conceptions about sexual diversity in the school space and to encourage educational professionals to adopt didactic measures to welcome sexual diversity in school and to combat homophobia. It is notorious that homosexuality is based on a cultural and historical view, constructed and justified by moral / ethical, biological and even psychological views to justify and reinforce standardized ideas about homosexuality that give scope for discriminatory and violent acts. The school should be a space for formation in which the person can develop a critical sense and the respect between the differences that form each one and also stimulate the construction of a dialogue for a better understanding of the diversity of gender, breaking some barriers that prevent the Construction of a new vision about homosexuality

**Keywords**: Homophobia, Homosexuality, School

**INTRODUÇÃO**

A Homofobia é caracterizada por uma forma ofensiva de tratar que tem uma orientação sexual que se difere da visão de sexualidade que está enraizado na sociedade. Está nos atos de violência, dentro dos discursos enviesados por um pensamento reducionista do sujeito, encontra-se nas ofensas verbais que humilham e denigrem a pessoa, está na imposição de um modelo que seja aceito por todos e no silêncio de tanto que se calam diante da violência que encontra-se escancara e encara como da ordem do normal.

Partindo dessa perspectiva, esse estudo tem por objetivo compreender as concepções acerca da diversidade sexual no espaço escolar e incentivar os profissionais da educação a adotar medidas didáticas para acolher a diversidade sexual na escola e combater a homofobia.

A escolha da temática está intrinsecamente relacionada à nossa trajetória enquanto ex-alunos da rede pública, onde ausência e discussões no âmbito escolar sobre as questões inerentes a diversidade, direitos humanos e cidadania eram escassas.

A problemática do presente trabalho vem dissertar sobre quais são as ações educativas que os professores vêm executando em sua prática pedagógica para combater a homofobia em sua instituição escolar.

**HOMOFOBIA, UMA VIOLÊNCIA SILENCIOSA.**

A Homofobia é a aversão ou rejeição aos sujeitos de orientação homoafetiva seja de maneira direta ou velada em atitudes ou em discursos que reforçam estereótipos sobre a homossexualidade e as figuras de gênero. Lionço e Diniz (2008) falam que a homofobia pode ser definida como uma manifestação arbitrária da discriminação de práticas ou expressões de gênero que são contrários aos padrões dominantes de sexualidade, ou seja, a heterossexualidade. Borrillo (2009) menciona que a homofobia é uma atitude de hostilidade contra os homossexuais, embora seja considerado como uma aversão irracional ou mesmo uma relação de ódio, a homofobia não deve ser reduzida a esse único sentido, semelhante ao racismo, o antissemitismo e a xenofobia, a homofobia é uma forma de qualificar o sujeito como contrário, inferior, fora do padrão.

São várias os noticiários sobre violência e intolerância contra homossexuais que exibem o quanto esse preconceito ainda está enraizado na visão de mundo de algumas pessoas. É necessário um trabalho educativo para que possam ser descontruídos os antigos paradigmas sobre a questão da homossexualidade para que seja evitada e combatida qualquer forma de violência e o grande desafio é como a educação pode ser usada para a conscientização e o respeito a diversidade sexual, sem ficar presa a modelos normativos que apenas reforçam os valores preconceituosos. Ainda existe uma grande barreira em relação às questões da homossexualidade e da diversidade de gênero, pois, essa visão é estruturada em um pensamento normativo que se utiliza justificativas dentro do campo do campo da moral, da doença e da religião.

A homossexualidade está embasada em uma visão cultural e histórica, construída e justificada por visões morais/éticas, biológicas e até psicológicas para justificar e reforçar ideias padronizadas sobre a homossexualidade que dão margem para atos discriminatórios e violentos.

Sobre a homofobia, ela trata-se de uma atitude de hostilização contra os homossexuais, mas como cita Borrillo(2009), mesmo a palavra referindo-se a uma questão de rejeição irracional, não devemos limitar apenas a esse significado. Semelhante a outras formas de preconceito, a homofobia é uma manifestação que qualifica e reduz o sujeito a um ser inferior ou anormal, é possível perceber que a homofobia exerce um papel de hierarquia da sexualidade onde coloca a heterossexualidade como sendo superior e natural. Borrillo (2009), fala que a homofobia é um fenômeno complexo e bastante variado, vai desde piadas e palavras que visam ridicularizar o sujeito até atos violentos.

A homofobia estende por várias questões tanto pessoais, ideológicas, e sócias, sendo importante abrir o diálogo para ser questionado sobre essa problemática que se trata sobre a homofobia, pois, está no meio social e escondida no meio de discursos e permeada na fala de muitos:

Presente nos insultos, nas piadas, nas representações caricaturais e na linguagem cotidiana, a homofobia aponta gays e lésbicas como criaturas grotescas e desprezíveis. A injúria constitui a junção da homofobia afetiva e cognitiva na medida em que as expressões pejorativas, uma vez pronunciadas, não são simplesmente palavras lançadas ao vento. São agressões verbais que marcam a consciência. São traumas gravados na memória e no corpo (pois a timidez, a insegurança, a vergonha são atitudes corporais resultantes da hostilidade do mundo exterior)(BORRILLO, 2009, p. 20 e 21)

Como observa Rios (2007), a homofobia está atrelada a questões de um modelo normativo que se encontra institucionalizado em vários espaços e nos discursos, que de um lado uma superioridade e privilégios para aqueles que enquadram-se no modelo heteronormativo e por outro lado um julgamento e opressão para aqueles que não enquadram no modelo imposto ou apresentam uma visão que difere do que se considera como “normal e aceitável”. A homofobia é um fenômeno bastante complexo por não está limitado apenas no discurso direto ou em atos violentos, ela encontra-se presente em discursos, em normatizações e na negação dessas questões de preconceito que fortalece o discurso homofóbico. Para Paulo Freire (2003, p.31), “não é a cultura discriminada a que gera a ideologia discriminatória, mas a cultura hegemônica a que o faz”, que fortalece e incrementa tais discursos gerando sofrimentos entre todos os atores envolvidos, pois sofre quem discursa e quem é foco do discurso.

Definitivamente, esse discurso ainda se mantém presente por que a homossexualidade meche com a concepção hegemônica de sexualidade, de identidade de gênero e isso alimenta a visão contrária aos sujeitos com opção sexual diferente da aceita socialmente, que é a heterossexualidade. Lionço e Diniz (2008) falam sobre essa suposta naturalização da heterossexualidade como base fundamental de um relacionamento afetivo restringe o reconhecimento das famílias que são constituídas por parceiros do mesmo sexo, como também, inferioriza o envolvimento afetivo entre pessoas do mesmo sexo como fora da normalidade, do não-legítimo e do estranho.

Diniz (2011) cita sobre a questão da linguagem que também carrega significados de exclusão, de seleção, de qualificação de um sujeito que expressa a sua opção de gênero como o próprio autor cita os termos homossexual e homossexualidade.

Apesar da violência gerar impactos tanto físicos, quanto emocionais, existe o impacto que as injúrias causam no sujeito, como alude Borrillo (2009), a homofobia está presente nos insultos, na linguagem do dia-dia, nas piadas e coloca o sujeito na posição de um ser desprezível ou ímpio. São agressões verbais que deixam marcas na vida do indivíduo e que podem gerar consequências que podem afetar por toda uma vida, reduzindo-o a uma mera figura estereotipada. A homofobia tende a colocar a homossexualidade como algo da ordem do bizarro, do imoral e do impuro, advindo de um pensamento patriarcal de um modelo normativo de sexualidade; a homofobia também se caracteriza por uma resistência de alguns sujeitos que foram reprimidos sexualmente e que manifestam essa repulsa irracional.

A violência contra homossexuais não é outra coisa senão a manifestação do ódio de si mesmo ou, melhor dizendo, da parte homossexual de seu próprio eu, a qual se deseja apagar. A homofobia seria uma disfunção psicológica, fruto de um conflito mal resolvido durante a infância e gerador de uma projeção inconsciente contra indivíduos presumidamente homossexuais. Esse mecanismo de defesa permitiria a redução da angústia interior de se imaginar desejando um indivíduo do mesmo sexo. (BORRILLO, 2009, p. 4)

A homofobia causa várias sequelas aos atingidos por meio de insultos, palavras desrespeitosas e até atos violentos, é necessário abrir o diálogo e discutir formas de tratar a homofobia como uma forma de violência que afeta os envolvidos. A discussão acerca dessa problemática ainda esbarra em muitos discursos que promovem ou negligenciam a questão da homofobia como algo “isolado”. Uma das formas de colocar essa discussão em pauta é colocar a educação como ferramenta de combate à discriminação utilizando-se de ferramentas pedagógicas para uma maior compreensão do que se trata a diversidade sexual e como combater a violência de gênero que está “enraizada” no contexto social na qual estão inseridos os sujeitos.

Diniz (2011) fala que o papel da educação é justamente discutir e refletir sobre as questões da homofobia, evitando os discursos normativos que apenas reforçam ou não combatem a homofobia.

**A ESCOLA COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO CONTRA A HOMOFOBIA**

No espaço escolar a homofobia é manifestada por agressões físicas e verbais, porém, esses casos são em alguns casos silenciados por uma dificuldade da escola tocar em questões delicadas quando se trata de expressão de gênero do aluno, temas que são difíceis de falar no universo escolar por uma questão de ser um incentivo ao aluno seguir uma prática homossexual, que nesse caso reflete uma visão equivocada que informar sobre determinado assunto é também incentivar. A homossexualidade ainda é tratada como uma perversão, uma disfunção da orientação do sujeito, e nas escolas essas questões que envolvem a diversidade sexual ainda estão envoltas em paradigmas que não geram discussão ou reforçam esse preconceito.

Junqueira(2009) menciona que é importante tomar consciência que o campo da educação se constituiu de maneira histórica como um espaço de disciplina e normalização, portanto, é necessário fazer uma problematização na estrutura da formação do ensino que envolve a maneira de ensino e os livros. Uma educação voltada a inclusão deve quebrar antigos valores que estruturam o formato do ensino, investindo no debate como ferramenta para a discussão sobre as questões que passam pela realidade que estrutura o sujeito.

A escola deve ser um espaço para a formação em que a pessoa possa desenvolver um senso crítico e o respeito entre as diferenças que formam cada um e também estimular a construção de um diálogo para compreensão da diversidade de gênero, quebrando algumas barreiras que impedem a construção de uma nova visão acerca da diversidade sexual. E “não vale um discurso bem articulado, em que se defende o direito de ser diferente e uma prática negadora desse direito” (Freire, 2003, p. 39). Vale procurar mudar a visão heteronormativa que está inserida no contexto da escola e na transmissão do conhecimento, reduzindo a sexualidade ao nível biológico ou a relação homem/mulher.

Uma das maneiras de trabalhar a temática da diversidade sexual é a utilização de recursos de mídia como filmes que abordem o tema, a promoção de dinâmicas que abordem as questões da sexualidade, repensar propostas de ensino que quebrem a visão hegemônica da heteronormatividade construir medidas de apoio aos alunos que passam por alguma situação de injúria ou violência homofóbica, trabalhando ações psicopedagógicos que possam aparar quem sofre violência de gênero na escola.

Para Mello et al. (2012) a escola não se limita apenas à transmissão de conhecimento de determinadas áreas como Português, Matemática, entre outros. Mas um espaço para que possam ser trabalhadas questões de cidadania e o exercício da tolerância e do respeito as diferenças, o seja, tornar a escola um local de transformação e mudanças de pensamentos e atitudes. Porém a maior dificuldade de se discutir a homofobia é que ela é reduzida a um assunto secundário, também a uma falta de sensibilidade e conhecimento dos profissionais para discutirem essa temática.

Essa falta de sensibilização das profissionais de educação e das próprias gestoras para lidar com o combate à discriminação e ao preconceito, que atingem estudantes que não se conformam aos parâmetros da heterossexualidade compulsória, está entre os desafios apontados tanto por gestoras quanto por ativistas para a implementação de políticas públicas para TLGB na área da educação. A discussão de questões relativas a esse tema muitas vezes é considerada secundária. Nem todas as pessoas julgam o tema relevante, frequentemente o evitam e, portanto, continuam a se calar, sendo não raro protagonistas ou cúmplices na reprodução do preconceito. (MELLO, et al. 2012, p. 116)

Apesar das várias medidas e propostas para a promoção da diversidade nas escolas, ainda é bastante forte as estruturas heteronormativas que moldam a visão acerca da diversidade sexual, reduzindo ao padrão de relacionamento homem/mulher, reduzindo o sujeito a um padrão aceito pela sociedade e que caso esse seja contrário a esse padrão, ele passa a ser hostilizado por não pertencer a norma.

A homofobia ainda encontra-se disfarçada em discursos neutralizadores ou no silêncio dos posicionamentos de alguns setores que não falam sobre essa questão por receio ou medo influenciarem comportamentos ou colocar essa discussão como apenas um assunto separado dos demais e com isso, reforçar ainda mais a violência contra os grupos LGBTs.

**O papel do Educador**

.

**CONCLUSÃO**

A homofobia apesar do conhecimento a respeito dessa forma de violência que visa a redução, a qualificação de uma pessoa que não se enquadra na normativa da heteroafetividade, ainda encontra-se dentro dos discursos reducionistas e no silenciamento de muitos que não falam e que também calam os que são vítimas dessa forma de violência. A educação é uma importante ferramenta para o combate a homofobia ou contra qualquer forma de discurso que visa reduzir o sujeito, é importante pensar em ações educativas que mostram a diversidade de gênero como parte da realidade de cada um, tentado reduzir paradigmas e quebrar tabus diante dessas questões.

São barreiras que necessitam ser quebradas, que o educador também precisa romper com verdades absolutas e discutir como trabalhar essas questões no ambiente escolar, como respeitar a opção de cada um e ensinar o respeito a diversidade. A educação é uma ferramenta de construção para a formação de um sujeito crítico e que reconhece as diferenças que compõe a cada um e derrubando barreiras invisíveis que separam as pessoas seja pela sua cor de pele, condição de renda e opção sexual. É conhecendo que se compreende e se respeita e a educação é a arma contra a intolerância.

**REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGUIAR, W. M. J. de. (2000). Professor e Educação: Realidades em Movimento. Em E. de Tanamachi, M. L. da Rocha & M. Proença (Orgs.), *Psicologia e educação: desafios teórico-práticos* (pp. 169-184). São Paulo: Casa do Psicólogo.

 AVILA, A. H., TONELI, M. J. F., & ANDALÓ, C. S. de A. (2011). Professores/as diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar. *Psicol. estud., 16*(2), 289-298.

BORRILLO, D. *A homofobia.* In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.) (2009). *Homofobia e educação*: um desafio ao silêncio. Brasília: Editora Unb, p. 15-46.

CAMPOS, A. C. de O. (2004). Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos. *Cad. Pesqu. 34*(123), 730-734

DINIZ, N. F. (2011). *Homofobia e educação*: quando a omissão é signo de violência. Educar em revista, Paraná, v.1, n.3.

FLEURY, A. D.; TORRES, A. R. R. *Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais*. Estudos de Psicologia, São Paulo, v.24, n.4, p. 475-483, out/dez. 2007.

FREIRE, P. (2003) Política e Educação. São Paulo, Ed. Cortez, 7ª edição.

JUNQUEIRA, R. D. *Políticas de educação para a diversidade sexual*: escola como lugar de direitos. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (Org.) (2009). *Homofobia e educação*: um desafio ao silêncio. Brasília: Editora Unb, p. 161-193.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. (2008)*Homofobia, silêncio e naturalização*: por uma narrativa da diversidade sexual. Psicologia Política, Brasília, v.8, n.16, p. 307- 324, jul/dez.

MELLO, L. et al. (2012)*Para além de um kit anti-homofobia*: políticas públicas de educação para a população LGBT no Brasil. Bagoas - estudos gays: gênero e sexualidades, Goiás, v.6, n.7, p. 100-122, jan/jun.

MURTA, S.G. et al*(*2010)*. Sobre a violência homofóbica na educação brasileira*. Psicologia & Sociedade, Brasília, v.23, n.2, p. 438-441, feb/mai.

POCAHY, F.; OLIVEIRA, R. de; IMPERATORI, T. *Cores e dores do preconceito*: entre o boxe e o balé. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.) (2009). *Homofobia e educação*: um desafio ao silêncio. Brasília: Editora Unb, p. 115-132.

RIOS, R. R. *O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação*. In: POCAHY, Fernando (Org.) (2007). Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Rio Grande do Sul: Editora Nuances, p. 27- 48.